

A MICROGÊNESE NA OFICINA CRIATIVA

Cristina Dias Alessandrini

RESUMO – Objetivos: Estudar a *Oficina Criativa* no contexto da criação e realização de um projeto de modelagem em argila. Relacionar a fundamentação epistemológica piagetiana com sua aplicação prática. Realizar uma análise microgenética das condutas dos sujeitos – crianças, adolescentes e adultos. Analisar o processo de regulação dos esquemas de ação, estudando, por meio de entrevistas e de observação, a dimensão afetivo-cognitiva das ações dos sujeitos no desenrolar das oficinas criativas.

Métodos: A partir de uma oficina criativa de modelagem com argila, trabalhamos com 14 sujeitos, (10 deles com idade entre 6 anos e 5 meses e 16 anos, e 4 adultos), 6 desses sujeitos eram mulheres e 8, homens, escolhidos aleatoriamente. Preparamos protocolos, em forma de texto, a partir dos vídeos e de gravações das oficinas criativas. Analisamos em pormenor as condutas de três sujeitos: VIN (6;5), CAR (11;1) e RIC (38;9).

Resultados: Foi possível examinar aspectos funcionais e estruturais de modo a compreender o processo de equilíbrio majorante que se estabelece durante a construção do projeto pessoal imaginado. Trabalhamos os quatro níveis de relações estabelecidas pelo sujeito: I. Relação intrapessoal: da pessoa consigo própria; II. Relações interpessoais: de um sujeito com outro(s) sujeito(s); III. Relação com o(s) objeto(s): em nosso caso, com a argila e IV. Relação com a tarefa: em nosso caso, com o projeto.

Conclusões: O resultado confirma a regulação das ações no desenrolar das oficinas criativas. O equilíbrio majorante dos movimentos sucessivos ocorre dentro de um processo de ajustamento evolutivo e criativo das estruturas afetivo-cognitivas. Confirmamos a diferença qualitativa de desempenho dos sujeitos no processo, conforme o seu nível de desenvolvimento.

UNITERMOS: Processo Criativo. Piaget. Visão sistêmica. Análise microgenética. Aspectos afetivo-cognitivos. Arte-Terapia. Oficina Criativa.

Cristina Dias Alessandrini - Pesquisadora do LaPp, Laboratório de Psicopedagogia do IPUSP. Psicopedagoga e Arteterapeuta. Coordenadora de cursos de Pós-Graduação em Arte Terapia em São Paulo, Goiânia, Natal e Belém. Conselheira da ABPp desde 1992. Associada Internacional dos Archives Jean Piaget, Universidade de Genebra, Suíça.

Correspondência
Rua Dr. Alberto Seabra, 364
São Paulo - SP - 05452-000 - Tel. (11) 3021-1583
e-mail: alessandrini@uol.com.br

INTRODUÇÃO

A facilidade de pesquisar e obter informações sobre o que está sendo desenvolvido em qualquer lugar de nosso planeta, atualmente é uma realidade, seja qual for a área de conhecimento. O homem tem o hoje acesso total ao conhecimento já produzido. Podemos partilhar das pesquisas mais recentes acerca de temas de nosso interesse, trabalhando com uma rede de informações que nos mantém constantemente atualizados.

A educação desenvolvida em nossas escolas deve poder acompanhar o ritmo intenso dessa evolução tecnológica, que torna possível tal rede de interconexões. O desafio da pesquisadora em Psicologia e em educação é poder observar, cada vez com maior qualidade e precisão, o homem participante e atuante na construção de seu jeito de *ser* e de *fazer* a cada dia, a cada nova situação-problema que enfrenta.

Tal demanda social e cultural torna imprescindível estudar e desvendar os caminhos internos que o homem cria para vencer os desafios que se apresentam nos projetos aos quais está vinculado. Como o sujeito alavanca suas competências de modo a realizar o 'seu melhor' durante o processo de aprendizagem e de vida? De que maneira o seu lado criativo participa na construção de ações que lhe são significativas? Como ele se coloca ao interagir com seus colegas? De forma harmoniosa e respeitosa, afetiva e consciente, enfim, íntegra?

Nossa pesquisa investiga o ser humano criador e formador, que desenvolve um projeto pessoal de modelagem em argila. Seu trabalho, desenvolvido em uma *Oficina Criativa*¹ orientada pela pesquisadora, ocorre dentro de um envolvimento crescente, na relação que ele estabelece consigo mesmo, com a idéia e com o material que utiliza para realizar a tarefa a que se propõe. Estudamos, portanto, as dimensões afetiva e cognitiva do sujeito nas diferentes relações presentes na criação e realização de um projeto.

JUSTIFICATIVA

Em nossa sociedade tecnológica há uma crescente valorização do *saber fazer*, do encontrar

procedimentos que possibilitem a realização de projetos de trabalho. Esses representam um caminho de aprendizagem significativa. Em nossa pesquisa, o projeto da pesquisadora é denominado *Oficina Criativa*, e, a partir dele, o sujeito cria e realiza seu próprio projeto, modelando em argila.

A *Oficina Criativa*¹⁻⁶ tem encontrado importante espaço de inserção, isto é, tem sido aceita como uma experiência educacional inovadora. Ela representa uma metodologia em que "novas visões de mundo e de si mesmo emergem como (...) resultado de um intenso trabalho interior"⁷.

Nosso enquadre propõe uma análise científica e psicológica detalhada, articulada entre criação e realização de um projeto pessoal, até então não realizada sob o ponto de vista da pesquisa científica.

Estudamos e adaptamos a análise microgenética desenvolvida por Inhelder, Cellérier et al.⁸ para algumas situações de resolução de problemas, para analisarmos as oficinas criativas.

No nosso ponto de vista, estudos a partir da teoria de Inhelder são relevantes, uma vez que a análise microgenética das implicações das ações que uma criança, adolescente ou adulto realizam, para construir seu projeto pessoal com argila, não foi ainda pesquisada de modo a estabelecer-se como metodologia.

A necessidade de modelar um objeto em argila representa um modo de expressão dos dinamismos afetivo e cognitivo dos sujeitos. Observamos que o indivíduo desenvolve formas qualitativamente melhores de resolver as sutis situações-problema que se apresentam a cada gesto que marca e modela a argila. Estudamos a significação simbólica⁹⁻¹³ destes dinamismos que manifesta-se na coordenação da ação interna do sujeito psicológico e se expressa na interdependência entre formas e conteúdos.

O estudo microgenético possibilita a compreensão do encadeamento das ações durante a elaboração do projeto. Procuramos correlacionar a resolução processual do

problema com as modificações permanentes da estrutura da inteligência⁸. Essa metodologia nos permite desvendar o aspecto funcional da construção afetivo-cognitiva.

Em nossa pesquisa, o material utilizado para a realização do projeto é a argila, material facilmente encontrado no solo brasileiro, portanto, acessível a todas as pessoas de qualquer classe social. É relevante o educador, o arte-terapeuta e o psicopedagogo utilizarem esse material com maior consciência, compreendendo seu valor na construção interna vivida por cada um!

Afinal, atualmente encontramos nas escolas crianças e jovens que não querem aprender, assim como professores que não ensinam de fato, o que aponta para a necessidade de mudança e transformação do sistema educacional¹⁴.

Educar-se é aprender a construir o conhecimento com curiosidade e espontaneidade, explorando possibilidades e criando soluções. "Quando surpreendemos a nós mesmos, estamos sendo criativos e descobrimos que podemos confiar em nossa inesperada originalidade"¹¹. Relativizamos a forma resignificando o conteúdo. Podemos "olhar de dentro para fora, o conhecimento que se constrói de fora para dentro, para redimensioná-lo a cada novo *insight*"⁵.

Nossa visão de educação propõe o desenvolvimento de uma mente questionadora, ativa e aberta. Convida o indivíduo a saber reconhecer-se no contexto social e cultural, observando procedimentos pessoais que vinculam ou direcionam a ação a realizar. Esse 'observar-se' gera autoconhecimento e permite uma certa consciência participativa, na comunidade e no mundo. Nossa crença é que a educação deve possibilitar oportunidades de desenvolvimento a partir de propostas inteligentes^{15,16} e criativas, em que as crianças e jovens sintam-se comprometidos com seu próprio crescimento. Nesse enquadre, um projeto pessoal de trabalho representa um *modus operandi* de inegável valor.

Winnicott¹¹ diz que "para uma existência criativa não precisamos de nenhum talento especial. Trata-se de uma necessidade universal,

de uma experiência universal" em que mantemos viva "a capacidade de criar o mundo". Precisamos oferecer à criança situações de aprendizagem que garantam seu desejo de aprender e de construir sua inserção no mundo com consciência, tranquilidade e alegria.

Uma maneira de se atingir tal meta é trabalhar com experiências significativas, desencadeadoras de aprendizagem. Afinal, há barro disponível em cada cidade e município! Ele poderia ter suas aplicações melhor compreendidas se os professores o utilizassem com maior frequência em situações educacionais. O seu uso em contexto terapêutico¹⁶⁻²³ tem sido enfatizado e reconhecido como importante agente de transformação e de expressão do dinamismo psíquico do sujeito.

Portanto, é relevante o estudo mais aprofundado das dimensões afetiva e cognitiva da implicação entre ações, em um trabalho de modelagem em argila. A presente pesquisa poderá nortear novas metodologias de ensino, a fim de produzir uma melhor qualidade na aprendizagem de nossos alunos. Em nossa proposta, a ação criadora desencadeia a consciência do sujeito em relação à sua ação. Ele cria para realizar seu projeto de trabalho, para construí-lo.

Os temas estudados são amplos e abrangentes. A questão do projeto, de cunho pessoal, representa o cerne de nossa pesquisa. Acreditamos que trabalhamos com aspectos relacionados à 'cultura do projeto'²⁴, uma demanda dos tempos atuais.

ANÁLISE MICROGENÉTICA

No preâmbulo de sua última obra, Inhelder apresenta, de forma evolutiva concisa, como foi a construção de seu interesse "pelos aspectos funcionais dos progressos do conhecimento"⁸. Relata, passo a passo, seu envolvimento com a dupla análise estrutural e funcional dos procedimentos de descoberta em situações de resolução de problemas. A autora reverencia a equipe de pesquisadores "animados por um dinamismo e um senso de inovação notáveis" que "quiseram traçar caminhos novos". E,

finalmente, descreve a tarefa de “revelar cada vez mais claramente na criança o encaminhamento de suas ações”.

Vale dizer que, nessa obra encontram-se vários estudos que apresentam procedimentos metodológicos desenvolvidos com a intenção de compreender os mecanismos funcionais do pensamento da criança. Como aponta Parrat-Dayán²⁵, Inhelder se dedica “a delimitar os procedimentos do sujeito, as teorias implícitas das crianças, os objetivos e meios que utilizam, o planejamento, os controles que encontram e sua reação diante dos obstáculos”.

Nossa pesquisa aplica essa metodologia na análise das oficinas criativas, procedendo às adaptações que consideramos necessárias. Nesta perspectiva, analisamos o processo de regulação dos esquemas de ação, durante seu desenrolar. Tal proposta se mostra bastante desafiadora, pela própria complexidade do trabalho.

Estudar o sujeito psicológico, dentro do enfoque proposto, permite-nos levantar questões relativas ao modo de funcionar de crianças, adolescentes, jovens e adultos. Talvez possamos chegar a desvendar alguns desses procedimentos. De certa forma, estudar o projeto, sua criação e realização, representa uma nova modalidade de estudo do sujeito que se revela, durante o desenrolar das oficinas criativas.

O objetivo de uma análise microgenética, é compreender detalhadamente o processo em suas diferentes etapas, tanto no nível da ação em si, como com relação a algumas intervenções que ocorrem. O diálogo que se estabelece entre pesquisador e sujeito evoca nesse último uma resposta que importa analisar. Dentro do processo, analisamos o sujeito e a pesquisadora que falam, assim como a ação que se desenrola, a partir dessa interação, na criação e concretização de um projeto de modelagem em argila. Na progressão microgenética, é importante analisar pequenos detalhes que permitem inferir o que desencadeia mudanças, na evolução das ações. Durante o processo de *Oficina Criativa*, algo que é nada – a massa de argila – passa a ser tudo: um objeto que foi projetado.

A progressão que analisamos é a progressão da forma: como um pedaço de argila, na mão de uma pessoa, ganha forma em função das ações que ela realiza. Analisamos cada momento em que crianças, adolescentes e adultos estruturam essa tarefa, partindo de uma ação exploratória da massa que têm nas mãos e progredindo até chegar a um objeto.

Em nosso trabalho, é a criação seguida da realização de um projeto que dá forma à argila. A microgênese é a análise das pequenas estruturas que compõem uma ação maior⁸. No caso da criação de um projeto, todo esse movimento do sujeito, tanto em nível cognitivo como afetivo, para realizar uma ação, é analisado dentro de suas pequenas particularidades.

Em nossa pesquisa, o recorte das seqüências possibilita analisar as unidades significativas para o sujeito, dentro do encadeamento que as qualifica. A numeração de cada frase do protocolo permite demarcar o início e o final de cada seqüência. Esses conjuntos de frases numeradas formam um parágrafo, como em um texto, explicitando um determinado tempo da ação no processo.

Dessa forma, podemos realizar a análise microgenética sobre o encadeamento e a regulação das ações do sujeito. No recorte das seqüências na *Oficina Criativa*, encontra-se inicialmente o tempo de criação e depois o tempo de realização de um projeto.

Analisamos o conteúdo das ações e as qualificamos de modo a reconhecer quando uma determinada unidade significativa se encerrou. Nesse trabalho algo começa e termina, para que o novo se inicie, às vezes, em direção ao objetivo maior; às vezes, em direção a um objetivo dentro desse objetivo maior, que chamamos de ‘sub-objetivo’.

Nessa metodologia, trabalha-se de forma detalhada e aprofundada, tendo como intenção observar a coerência interna das ações realizadas, durante a evolução da *Oficina Criativa*. O trabalho microgenético nos permite observar a passagem das ações de cada sujeito que, trabalhando com a argila, significa sua

ação, durante o processo. As ações desse sujeito assumem uma conotação própria, conforme o momento em que são realizadas.

Na pesquisa, analisamos a passagem do estatuto dessas ações que se iniciam como rotinas, transformam-se em primitivas, para chegarem a ser procedimentos, de acordo com o momento em que ocorrem.

Em nossos observáveis, inferimos as idéias-guia dos procedimentos dos sujeitos, que nos orientam para que possamos estudar as particularidades funcionais de seu pensamento.

E também buscamos demonstrar o processo de equilíbrio que ocorre a partir da regulação das ações do sujeito na construção do conhecimento, ou seja, na realização de seu projeto.

À medida que o sujeito manipula a massa, ocorre a composição de ações diferentes: ao mesmo tempo em que ele a está amassando, movimenta a cabeça, olha, imagina. Existem nesse trabalho várias ações simultâneas, e nosso objetivo é poder focalizá-las dentro de suas pequenas etapas de construção, pois que significam progressão.

Podemos notar uma diferença na qualidade dessas ações, na medida dos encadeamentos presentes, no processo de *Oficina Criativa*. O interessante é que, ao olharmos essas muitas etapas ou subetapas, percebemos momentos qualitativamente diferentes. Constatamos que aí um processo de equilíbrio majorante se estabelece.

A PESQUISA

Trabalhamos com 14 sujeitos, (10 deles com idade entre 6 anos e 5 meses e 16 anos, e 4 adultos), 6 desses sujeitos eram mulheres e 8, homens, escolhidos aleatoriamente. O pré-requisito para participação nessa amostra era o interesse de desenvolver uma *Oficina Criativa* com argila. Escolhemos sujeitos dentro de uma larga faixa etária, pois o estudo permite tal abrangência.

Cada sujeito experencia um trabalho individual de *Oficina Criativa*. Após cada

Oficina Criativa, ou no seu decorrer, é feita uma entrevista com o sujeito, de modo a colher informações mais precisas sobre o processo.

Para a realização da presente pesquisa, produzimos os instrumentos abaixo discriminados:

I. Oficina Criativa

- I.a. Entrevista
- I.b. Protocolos

O protocolo é um instrumento, em forma de texto, preparado a partir dos vídeos e das gravações das oficinas criativas. A entrevista faz parte desse instrumento, e tanto a expressão plástica (desenhos e modelagem) como a expressão escrita dos sujeitos estão neles registradas.

II. Manual para análise microgenética

O manual de codificação dos dados é descrito e explicado a seguir. Ele compreende as tabelas relativas a:

- II.a. **Análise estrutural:** (dimensão temporal e espacial) (Tabela 1)
- II.b. **Análise funcional:** estatuto das seqüências (Tabela 2)
- II.c. **Categorias observáveis**
 - II.c.1. **Relação intrapessoal:** da pessoa com ela própria (Tabela 3)
 - II.c.2. **Relações interpessoais:** de um sujeito com outro(s) sujeito(s) (Tabela 4)
 - II.c.3. **Relação com o(s) objeto(s):** em nosso caso, com a argila (Tabela 5)
 - II.c.4. **Relação com a tarefa:** em nosso caso, com o projeto (Tabela 6)

III. Planilha de análise dos dados

Preparamos uma planilha de codificação dos dados, para proceder a análise estatística de três sujeitos. Representamos numericamente os eventos qualitativos presentes na análise microgenética, utilizando o manual de codificação elaborado para esse fim.

Tabela 1 – Aspectos estruturais analisados**Quanto à dimensão espacial:**

- **CA – Controle ascendente:** ocorre quando as propriedades da matéria indicam o caminho a seguir. O sujeito trabalha de forma exploratória, exercitando maneiras e possibilidades. Dessa forma, aciona seu conhecimento diante das questões que o objeto lhe apresenta. A construção de seu projeto se dá passo a passo, na medida em que ele ajusta suas ações para realizá-lo.
- **CD – Controle descendente:** ocorre quando o próprio objetivo guia a sua concretização. O sujeito faz ajustes e modificações em suas ações a partir das situações que se apresentam durante o processo. O projeto em si se mantém, até que seja finalizado.
- **OT – Ordem teleonômica:** as ações do sujeito são determinadas pelo projeto final. O encadeamento dos subobjetivos possibilita a realização de sua meta.
- **OC – Ordem causal:** o projeto se constrói pouco a pouco, na medida em que o sujeito define suas etapas de trabalho. Essas etapas de resolução paulatinas demonstram uma causalidade em sua ação.
- **HI – Hierarquia:** as ações do sujeito são dirigidas para um objetivo. O desenrolar das ações ocorre de forma mais ou menos linear e evolutiva, com regras e/ou procedimentos aparentemente bem definidos.
- **HT – Heterarquia:** as ações ocorrem justapostas e não são coordenadas em direção ao objetivo. Realizam-se durante os subobjetivos, que concorrem entre si, oferecendo muitas possibilidades.

Quanto à dimensão temporal:

- **SC – Sincronia:** ocorre quando observamos um conjunto de indícios captados em um momento específico, pertinentes a um momento T.
- **DC – Diacronia:** ocorre quando um mesmo indício (fala, movimento, atitude, etc.) é constatado em diferentes momentos da resolução do problema.

MANUAL PARA A ANÁLISE MICROGENÉTICA

Aspectos afetivo-cognitivos

O problema proposto ao sujeito – criar e realizar um projeto – suscita nele a necessidade de utilizar e regular os esquemas que lhe são familiares durante a Oficina Criativa. Inferimos que cada sujeito constrói um procedimento para alcançar seu objetivo final: o projeto. E trabalha realizando subobjetivos que lhe permitem essa construção.

Estabelecemos uma sutil diferenciação entre as categorias que consideramos representativas da dimensão afetiva e aquelas representativas da dimensão cognitiva. Para cada tipo de relação estabelecida pelo sujeito, definimos que as categorias correspondentes às variáveis A), B), C) e D) seriam aquelas relacionadas predominantemente à dimensão afetiva, e as variáveis E), F), G) e H) seriam as correspondentes principalmente à dimensão cognitiva.

Em nossa pesquisa, desenvolvemos uma análise das dimensões afetivo-cognitivas em sua microgênese, examinando os aspectos funcionais descritos nos procedimentos presentes em seu desenrolar. Procuramos, assim, compreender o processo de equilíbrio majorante que se estabelece durante a construção do projeto pessoal imaginado.

Para tanto, trabalhamos os quatro níveis de relações estabelecidas pelo sujeito, presentes no decorrer de uma experiência de projeto.

Temos, portanto, um total de 32 categorias descritas de modo a podermos interpretar as ações dos sujeitos no decorrer da *Oficina Criativa*.

Para podermos proceder a uma análise estatística dos dados coletados, preparamos um manual de codificação.

Manual de codificação

Para conceber uma representação numérica dos observáveis em cada sequência, procuramos

Tabela 2 – Análise funcional: estatuto das seqüências

- **TC – Seq. Tempo de Contato:** ocorre quando o sujeito precisa de um tempo para compreender e entrar em contato com o trabalho. Percebemos em sua atitude que ele se prepara para a ação que está para começar.
- **EP – Seq. Entrar no Problema:** o sujeito entra na questão que lhe é apresentada. Realiza suas ações de modo a efetivamente iniciar seu trabalho. Há uma modificação em sua conduta e atitude, que percebemos ser mais ‘precisa’ e aparentemente mais direcionada.
- **NP – Seq. Novas Possibilidades:** ocorre quando uma nova ação tem lugar e altera um pouco o processo de resolução do problema. O sujeito aparentemente realiza um certo encadeamento de sub-objetivos, mas de repente, realiza uma ação totalmente nova, que interfere no desenvolvimento do processo. Essa ação ocorre muito antes que ele próprio tenha uma idéia clara do que se passa.
- **RE – Seq. Recurso:** o sujeito aparentemente interrompe o que está fazendo e se distancia para acionar sua própria energia de modo a ir um pouco mais longe: respira, suspira, observa a câmera, alguém que passa ou algo que acontece. Essa seqüência surge em um momento em que se apresentam bloqueios, ou após um longo período de trabalho que o cansou. Ela é exterior à resolução do problema.
- **CD – Seq. Conduta de Desvio:** o sujeito aparentemente ‘procura uma idéia’. Não podemos compreender imediatamente o que ele realiza, em se considerando o que deseja fazer. É como se ele ‘interrogasse o objeto’: saindo de seu próprio caminho, fazendo algo diferente, para retomá-lo em seguida.
- **TA – Seq. Transição de Ação:** dentro da seqüência das ações, o sujeito faz algo que dá à sua ação uma nova significação, o que faz com que reconheçamos uma mudança no nível de seu trabalho. Talvez, ele possa chegar a um novo nível de realização, em se considerando o seu objetivo.
- **IV – Seq. Investigativa:** durante o processo, o sujeito dialoga com o objeto, pois já adquiriu ‘certa intimidade’ com ele. Aqui, sujeito e objeto compartilham o mesmo espaço. Percebemos que, em um dado momento, o sujeito sustenta o tempo de ação que direciona para a realização de seu objetivo.
- **SP – Seq. Síntese do Problema:** ao final de uma ação, o sujeito refaz, de uma única vez, uma série de ações, que lhes permite atingir o seu objetivo. É um resumo da resolução do problema.
- **RG – Seq. Representação Gráfica:** o sujeito trabalha suas idéias e imagens, representando graficamente o que visualiza. Ele faz a transposição de linguagem, passando do plano mental e ideatório para o gráfico: desenha sua imagem mental, seu projeto ou seu objeto.
- **SV – Seq. Síntese Verbal:** o sujeito expressa seu aprendizado durante o processo, falando ou escrevendo sobre sua experiência, como um todo. Há uma primeira consciência do processo vivido. O sujeito interpreta o trabalho feito e relata aspectos significativos do que construiu internamente.
- **RP – Seq. Retomada do Processo:** o sujeito explicita passos do que experienciou, relatando aspectos que reconhece como detonadores de seu processo ou, então, como bloqueadores de sua ação. Na medida em que ele reflete sobre a experiência, (organizando-a), a consciência das etapas vividas configura-se. É quando o sujeito busca razões, construindo o sentido e o significado de suas experiências.

quantificar cada atributo presente nas categorias estabelecidas. Assim, realizamos, em pormenor, a análise microgenética das ações.

Preparamos uma planilha na qual encontramos colunas e linhas, as quais representam as variáveis que compõem o objeto de nossa pesquisa.

A análise, feita com base nas observações e nas informações recolhidas acerca de cada sujeito

(transcritas e descritas a partir de fitas de vídeo), é formulada nos protocolos de pesquisa.

As linhas representam as etapas da *Oficina Criativa*, em seus diferentes momentos. Procedemos, assim, a análise *estrutural e funcional* do processo.

A partir desses momentos, relativos a cada fase do processo, no tratamento de nossos dados, analisamos os conteúdos das ações do sujeito

(*aspecto funcional*), e estabelecemos as *seqüências* e as *subseqüências* dentro das ações presentes no decorrer do processo (*aspecto estrutural*). Procuramos observáveis que justifiquem sua categorização, e, portanto, sua codificação. As ações são numeradas de acordo com sua descrição no protocolo.

Determinamos o *tempo* (minutos e segundos) de duração de cada seqüência e ou subseqüência.

As seqüências foram assim classificadas: **TC** - Seq. tempo de contato; **EP** - Seq. entrar no problema; **NP** - Seq. novas possibilidades; **RE** - Seq. Recurso; **CD** - Seq. conduta de desvio; **TA** - Seq. transição de ação; **IV** - Seq. Investigativa; **SP** - Seq. síntese do problema; **RG** - Seq. representação gráfica; **SV** - Seq. síntese verbal e **RP** - Seq. retomada do processo.

Os aspectos *estruturais* são codificados de acordo com a idéia-guia do sujeito – de acordo com sua dimensão espacial:

1. CA - OC - HI; 2. CD - OT - HI; 3. CA - OT - HT e 4. CD - OT - HT

Ou seja:

1. **CA** - Controle ascendente; **OC** - Ordem causal; **HI** - Hierarquia
2. **CD** - Controle descendente; **OT** - Ordem teleonômica; **HI** - Hierarquia
3. **CA** - Controle ascendente; **OC** - Ordem causal; **HT** - Heterarquia
4. **CD** - Controle descendente; **OT** - Ordem teleonômica; **HT** - Heterarquia

Os indícios observáveis em sua dimensão temporal – **DC** e **SC** – são codificados separadamente, pois representam um outro aspecto, cuja observação é relevante. Explicamos: **DC** - Diacronia e **SC** - Sincronia.

Em nosso procedimento de análise, levantamos variáveis: construções que podem assumir valores (qualidades) diferentes, de acordo com as categorias definidas como *observáveis afetivo-cognitivos* nas quatro formas

de relação que o sujeito estabelece no decorrer do processo. Cada coluna representa uma variável categórica.

Temos oito categorias descritas de **A** a **H**. As categorias **A**, **B**, **C** e **D** explicitam aquelas predominantemente afetivas, sendo que as classificadas como **E**, **F**, **G** e **H**, expressam principalmente a dimensão cognitiva.

No tocante à avaliação das condutas dos sujeitos, representamos a interpretação de sua ação em um escala hierárquica: desde uma conduta com sua presença mais positiva - nota **5** - até sua presença mais negativa - nota **1**.

Cada categoria está definida em níveis de atributos, qualificados em uma ordem sucessiva a partir da interpretação pela pesquisadora. Assim, temos os níveis **a**, **b** e **c** presentes na categoria *alegre* que, dentro do mesmo eixo, em sua presença mais negativa, recebe a numeração **d**, **e** e **f** (do menor para o maior).

Por exemplo, em:

- **IA4a** lemos: na relação intrapessoal, as ações do sujeito recebem a nota **4**, correspondente ao nível **a** de qualificação do conteúdo de sua ação.

- **IIE3d** lemos: na relação interpessoal, as ações do sujeito recebem a nota **3**, correspondente ao nível **d** de qualificação do conteúdo de sua ação.

Análise microgenética

5.3.1. Tabela 1. Aspectos estruturais analisados

5.3.2. Tabela 2. Análise funcional: estatuto das seqüências

5.3.3. Relações afetivo-cognitivas

Tabela 3. **Relação intrapessoal: da pessoa consigo mesma**

Tabela 4. **Relações interpessoais: do sujeito com outro(s) sujeito(s)**

Tabela 5. **Relação com o objeto: em nosso caso, a argila**

Tabela 6. **Relação com a tarefa: em nosso caso, com o projeto**

Tabela 3 - Relação intrapessoal: da pessoa consigo mesma

A) Alegre	Triste	E) Coerente	Incoerente
a. Demonstra inteireza e integridade em sua atitude interna. b. Expressa movimentos soltos e naturais. c. Demonstra prazer e receptividade alegre; está bem.	d. Demonstra sentimentos conflitantes no plano interno. e. Expressa movimentos presos e tolhidos. f. Demonstra desprazer e tristeza, parece estar deprimido,	a. Realiza sua ação com desprendimento, demonstrando estar coordenando seus observáveis. b. Articula seus observáveis, de modo coerente. c. Encontra soluções, pois compreende as variáveis que se apresentam.	d. Apresenta inconstância na coordenação de suas ações. e. Toma decisões impensadas, aparentemente inconsistentes, incoerentes e desarticuladas f. Repete os mesmos gestos sem parar.
B) Firme	Instável	F) Comprometido	Descompromissado
a. Demonstra segurança e autodisciplina. b. Permanece firme e engajado. c. Mantém-se em contato com a atividade.	d. Demonstra insegurança e inconstância. e. Aparenta estar instável e atordoado. f. Mantém-se distante da atividade, parece estar ausente.	a. Suas inferências são dirigidas pela consideração de possibilidades. b. Organiza sua ação, antecipando aspectos significativos. c. Compromete-se com a proposta, descentrando-se de si mesmo.	d. Realiza ações incompatíveis com a conservação do todo. e. Realiza ações mal definidas, sem compromisso interno. f. Permanece centrado, preso a uma única dimensão da proposta.
C) Equilibrado	Perturbado	G) Implicado	Não-implicado
a. Está internamente tranqüilo, relaxado afável e concentrado. b. Apresenta movimentos fluidos, suaves e delicadamente precisos, pertinentes ao momento. c. Permanece centrado na atividade.	d. Está excitado, ansioso, inquieto, agressivo, irritado, disperso e desatento. e. Realiza movimentos truncados, fortes e intensos, aparentemente distantes do que deveriam ser. f. Movimenta-se de um lado para o outro ou permanece imobilizado.	a. Dirige sua ação pela noção de todo, e conseqüente interação entre suas partes. b. As implicações se encadeiam de modo inferencial; as mudanças são previstas como causadoras de novas mudanças. c. Compreende as possibilidades que se abrem como conseqüências de movimentos geradores de novas formas.	d. Dirige sua ação pela ausência de compreensão dos indícios gerais. e. Não estabelece implicação entre suas ações; as modificações que realiza estão presas a detalhes não relacionados entre si. f. Realiza movimentos fora do contexto, sem considerar a relação entre eles e o todo.
D) Ativo	Passivo	H) Coordenado	Descoordenado
a. É ativo e busca alternativas e aprimora seu gesto, ampliando suas fronteiras pessoais. b. Demonstra estar motivado tem iniciativa e demonstra estar aberto ao novo. c. Estabelece contato com a proposta / o material.	d. É passivo e parece paralisado. Repete seu gesto, não ampliando suas fronteiras pessoais. e. Está desmotivado, é acomodado e demonstra estar fechado ao novo. f. Não estabelece contato com a proposta / material.	a. Relativiza suas ações, ordenando-as por prioridades; considera implicações de ordem transformacional. b. Verifica possibilidades; trabalha a interdependência entre as partes e o todo. c. Demonstra a intenção de realizar interações diferenciadas.	d. Não relativiza a ordem de suas ações, não faz implicações. e. Tem dificuldade em levantar possibilidades; mistura sem sistematizar as partes em relação ao todo. f. Suas decisões são descoordenadas.

Tabela 4 - Relações interpessoais: do sujeito com outro(s) sujeito(s)

A) Respeitoso	Invasivo	E) Mente aberta	Mente fechada
a. Estabelece relação agradável, demonstrando simpatia. b. É respeitoso e atencioso para com as observações da pesquisadora. c. Reconhece o espaço do outro.	d. Estabelece uma relação desagradável demonstrando antipatia. e. É invasivo e desatento para com as verbalizações da pesquisadora f. Não reconhece o espaço do outro.	a. Alavanca suas competências com tranquilidade diante das situações propostas. b. Seus julgamentos são orientados por inferências dirigidas pela consideração de possibilidades. c. Mantém a mente aberta às sugestões da pesquisadora.	d. Faz exatamente o que acha que deve ser feito, como se se tratasse de pseudo-obrigações, e. Seus julgamentos são dirigidos por percepções parciais de possibilidades. f. Mantém-se fechado em si mesmo, não escutando o que é dito pela pesquisadora.
B) Flexível	Rígido	F) Interdependente	Dependente
a. Infere possibilidades e faz perguntas, esclarece dúvidas, é afável e obediente ao sentido do processo. b. Realiza as sugestões dadas pela pesquisadora e age espontaneamente c. Estabelece contato com a pesquisadora, em uma relação de interesse.	d. Permanece alheio; é impositivo e desobediente. e. Não leva em conta as sugestões dadas pela pesquisadora e realiza movimentos automáticos. f. Não estabelece contato com a pesquisadora em uma relação de “não-interesse”.	a. As interdependências são atingidas em sua totalidade. b. Interage com as idéias lançadas pela pesquisadora, refletindo e dialogando a partir delas. c. Escuta as sugestões da pesquisadora, como agentes mobilizadores de novas ações.	d. Reage às sugestões da pesquisadora sem levar em conta o que lhe sugere. e. Mantém uma atitude de dependência, realizando o mínimo do que é sugerido pela pesquisadora. f. Reafirma o que sempre soube fazer, repetindo antigos procedimentos que lhe são familiares.
C) Objetivo	Ambíguo	G) Criativo	Não-criativo
a. Seus procedimentos são precisos e diretos, em respostas às intervenções realizadas. b. É franco, sincero, direto objetivo e claro. c. Olha nos olhos da pesquisadora e ouve o que está sendo dito.	d. Mantém-se dissimulado, fingindo não ouvir o que é sugerido pela pesquisadora e. É camuflado e ambíguo, confuso, defendido e preso. f. Mantém-se presa ao ‘si mesmo’ não se descentrando para interagir.	a. Realiza ajustes criativos e compensatórios em suas ações, em uma perspectiva majorante, mantendo a clareza de seus objetivos. b. Reconstitui os passos a serem seguidos com pertinência ao contexto que se estabelece. c. Aceita as intervenções da pesquisadora, promovendo uma auto-reulação de suas ações.	d. Não promove o ajustamento criativo de suas ações na interação com a pesquisadora. e. Inverte posições, atribuindo à pesquisadora ações fora do contexto. f. Julga informações incompletas como suficientes para sua tomada de decisão.
D) Cooperativo	Não-cooperativo	H) Receptivo	Não-Criativo
a. Expressa um espírito colaborador, cooperando com o desenrolar do processo. b. Estabelece uma relação de troca com a pesquisadora. c. Solicita o que deseja fazer por meio de perguntas, levanta possibilidades.	d. Expressa um espírito individualista, não cooperando com o desenrolar do processo. e. Age de forma solitária, egoísta e independente demais. f. Permanece quieto não interagindo no decorrer do processo.	a. Constrói sua ação a partir de uma interação cooperativa, com a pesquisadora, dentro de uma circularidade dialética. b. É receptivo à coordenação das ações feita pela pesquisadora. c. Recebe, de forma parcial, as orientações da pesquisadora.	d. Constrói sua ação a partir de uma relação competitiva entre ele e o ‘si próprio’ projetado na figura da pesquisadora. e. Não é receptivo à coordenação das ações feita pela pesquisadora. f. Demonstra pseudo-dependências resistentes.

Tabela 5 - III. Relação com o objeto: em nosso caso, a argila ou o desenho

A) Reflexivo	Automatizado	E) Investigador	Não-investigador
a. Observa o que faz, buscando novos procedimentos. b. Reflete em relação ao objeto argila ou desenho; atento às mudanças que ele sofre no decorrer do processo. c. É estudioso e comprometido com o que o objeto pode lhe proporcionar.	d. Apenas repete procedimentos, sem observá-los com atenção. e. Age de forma automatizada; sem estar atento às transformações do objeto. f. Age sem vínculo com o possível conhecimento a ser construído no processo.	a. Infere possíveis e redimensiona o uso do material, escolhendo o que e quando fazer, no processo. b. Realiza inferências conduzidas pela descoberta dos possíveis que o objeto lhe apresenta. c. Investiga minuciosamente as propriedades do material.	d. Toma decisões impensadas sem levar em conta as propriedades do objeto. e. Nega possibilidades de uso do material. f. Produz automatizações nas relações ligadas às condições intrínsecas ao objeto argila/ desenho.
B) Cuidadoso	Descuidado	F) Previdente	Não-previdente
a. Procura fazer o melhor uso dos possíveis materiais que tem a sua frente; aprofunda sua ação b. Trabalha com lógica, encadeando suas ações. c. Organiza o espaço e os materiais com que trabalha.	d. Não se apercebe das possibilidades; age sem consciência e de forma descuidada e superficial. e. Faz sem pensar, de forma aleatória. f. Não organiza o espaço nem os materiais com que trabalha.	a. Prevê situações que se organizam sucessivamente na escolha de procedimentos. b. Antecipa escolhas de procedimentos condizentes com o objeto para realizar seu projeto. c. Exercita possibilidades de uso procedimental do objeto.	d. Não prevê situações de sucessão hierárquica na escolha de procedimentos. e. Compreende as variáveis procedimentais em relação ao objeto, mas não as coordena em direção ao seu projeto. f. Manipula o material sem explorar suas possibilidades.
C) Respeita	Não respeita	G) Observador	Não-observador
a. Investiga possíveis e explora as propriedades do objeto. b. Respeita o objeto, reconhecendo os limites que ele lhe propõe. c. Mantém seu envolvimento, trabalhando com limpeza e concentração.	d. Tenta adaptar o objeto ao que deseja realizar, sem levar em conta o que ele lhe permite fazer e. Mergulha na desordem, não respeitando o objeto em si. f. Mantém-se distante, demonstrando um não-envolvimento para com o objeto.	a. Infere resultados a partir de duas condições simultâneas, realiza transformações em sua ação. b. Observa as mudanças no objeto, articulando-as com seu projeto c. Observa as diferenças constitutivas do objeto para esboçar objetivos e programas.	d. Mantém a mesma conduta, independentemente da resposta do objeto. e. Não observa as mudanças no objeto, mantendo-as desarticuladas de seu projeto. f. Não leva em consideração a constituição material do objeto e procura adequá-lo aos seus objetivos e programas.
D) Desapegado	Apegado	H) Interativo	Não-interativo
a. Dialoga com o objeto, ouvindo o que ele tem a dizer; é perspicaz diante de suas respostas. b. Age com liberdade interior, buscando alternativas, a partir das respostas do objeto. c. É desapegado de seus próprios 'padrões', traçando novos caminhos.	d. Age de maneira indiferenciada, não levando em conta o que a ação lhe traz como retorno. e. É apegado aos seus próprios 'padrões', mantendo-os de qualquer maneira. f. É apegado aos seus 'padrões' anteriores, repetindo suas ações.	a. Realiza composições complexas, considera todas as propriedades que o objeto lhe impõe. b. Compreende a interação com o objeto, na dialética de sua circularidade, promovendo sua utilização dentro de suas melhores possibilidades para o momento. c. Considera transitórios os obstáculos parte integrante do processo.	d. Realiza compensações parciais e desarticuladas das propriedades do objeto na realização de seu projeto. e. Mantém sua ação na busca de dependências que não existem. f. Permanece preso aos obstáculos e às dificuldades que o objeto lhe impõe.

Tabela 6 - IV. Relação com a tarefa: em nosso caso, com o projeto

A) Curioso	Apático	E) Construtivo	Não-construtivo
a. Demonstra curiosidade em investir no que faz, enfrentando desafios e mantendo-se na proposta. b. Demonstra dedicação e entrega ao trabalho. c. É caprichoso e esforçado, mantendo vivo o espírito de investigação.	d. Parece estar apático e distante do processo, desistindo com rapidez diante de problemas. e. Permanece perdido e age de maneira reservada e distante. f. Demonstra estar pouco comprometido com a tarefa, é desleixado.	a. Descobre a conservação a partir de compensações e de transformações. b. Discrimina os procedimentos que melhor se adaptam às necessidades do seu projeto. c. Investiga possíveis, levando em conta diferentes variáveis.	d. Mantém sua ação centrada em esquemas que apenas reproduz. e. Age de forma quase descoordenada, sem estar consciente dos procedimentos para a realização de seu projeto. f. Age de forma exploratória, desvinculado das necessidades de seu projeto.
A) Disciplinado	Indisciplinado	F) Articulador	Não-articulador
a. Compensa desequilíbrios que se apresentam. b. Estabelece prioridades agindo com precisão, perseverança e decisão. c. É metódico e disciplinado.	d. Permanece perturbado durante o processo. e. Age com indecisão e indisciplina, realizando 'de qualquer jeito' a tarefa. f. Distancia-se da tarefa ou até a abandona.	a. Projeta o conjunto, incorporando detalhes não programados; descobre simetrias que usa para regular suas ações. b. Regula sua ação, antecipando e articulando aspectos significativos. c. Constrói possíveis, levantando hipóteses que confirma ou não, fazendo compensações.	d. Não observa nem articula as informações que possui em direção à construção de seu projeto. e. Não regula sua ação com antecipações significativas. f. Constrói possíveis simplesmente levantando hipóteses, sem buscar sua confirmação.
C) Presente	Ausente	G) Autônomo	Não-autônomo
a. Age com ética e tolerância, sendo leal a seus próprios valores. b. Sabe priorizar, permanecendo presente, concentrado e atento. c. Aprende rapidamente, demonstrando consciência e lucidez de ação.	d. Age desvinculado de seus valores, demonstrando intolerância e distanciamento ético. e. Apresenta uma postura de ausência, sua ação é obscura e aleatória. f. Aprende lentamente, agindo com alienação e de forma desatenta.	a. Dirige suas ações para a totalidade do projeto que realiza. b. Coordena suas ações a partir dos observáveis que constrói no decorrer do processo, realizando novas combinações. c. Por inferência, encontra soluções imediatas e rápidas.	d. Dirige suas ações para a construção de partes do todo, independentes do projeto final. e. Não coordena suas ações a partir dos observáveis, repetindo antigas combinações. f. Permanece longo tempo em busca de soluções, que tem dificuldade para encontrar.
D) Tranquilo	Inquieto	H) Auto-regulador	Não-regulador
a. Age com tranquilidade e respeita seu tempo de fazer; sua respiração é pausada, expressando um ritmo natural de construção do processo. b. É paciente com desacertos. c. Expressa prazer em viver o processo.	d. Fica inquieto, resolvendo rapidamente a tarefa como que para se livrar dela. e. É impaciente com os desacertos. f. Expressa desprazer e inquietação em vivenciar o processo.	a. Realiza implicações entre implicações, quase simultâneas; não produz contradições. b. Programa suas ações desde o início do projeto, articulando-as. c. Realiza menor número de tentativas para encontrar correspondências entre suas ações e suas intenções.	d. Produz contradições e círculos viciosos em grande número de ações independentes. e. Não estabelece prioridades na contigüidade das ações que realiza. f. Faz muitas tentativas na busca de relacionar suas ações e suas intenções.

ASPECTOS AFETIVO-COGNITIVOS NAS OFICINAS CRIATIVAS: EXPLICITANDO AS CATEGORIAS

Durante as oficinas criativas, analisamos a dimensão afetivo-cognitiva das ações dos sujeitos no processo de regulação dos esquemas de ação, observando aspectos do sujeito psicológico nas dinâmicas de suas condutas no decorrer do processo.

Esta análise é desenvolvida a partir do processo dialético de equilibração majorante, conforme foi proposto por Piaget^{26, 27}.

No decorrer de nossas oficinas, levantamos critérios observáveis e os explicitamos no decorrer da análise microgenética dos protocolos dos sujeitos que constituem nossa amostra, de modo a presentificar a dimensão afetivo-cognitiva em uma escala de avaliação.

Procuramos enfocar, da forma mais abrangente possível, aspectos vivenciados pelo sujeito. Portanto, analisamos os dinamismos valorativos e operatórios que se apresentam no espaço e no tempo, desde sua manifestação em sua dimensão mais evoluída, até a menos desenvolvida.

Observamos que há um eixo implícito presente na lógica interna das experiências das pessoas, que se manifesta em afetos e desafetos, em gostos e desgostos, em vontades e não-vontades; como também em escolhas, percepções, discriminações, diferenciações, combinações, permutações e transformações. Trabalhamos, portanto, o raciocínio de gênero, em que tudo está incluído em seus diferentes lugares.

Assim, realizamos a análise da energética das regulações das ações durante o processo. Energética porque essas regulações são relacionadas aos dinamismos propulsores dos procedimentos. Esses, por sua vez, relacionados às sensações e aos sentimentos vivenciados a cada momento no decorrer do processo, e desencadeadores de ações representativas do dinamismo psíquico.

Para a nossa análise, selecionamos fragmentos dos protocolos que expressam cada atributo definido nas categorias observáveis, interpretados e contabilizados no decorrer das seqüências que constituem as oficinas criativas.

Cada atributo que qualifica a experiência é assim descrito: da melhor expressão até sua manifestação mais negativa. Em suma, quando qualificamos a ação do sujeito a partir dos atributos descritos nos itens **a**, **b** ou **c**, conferimos a ela uma qualidade em sua esfera positiva. Quando avaliamos como correspondente **a d**, **e** ou **f**, estamos atribuindo-lhe qualidades em sua expressão mais negativa.

Relações intrapessoais

As relações intrapessoais são aquelas que o sujeito estabelece consigo próprio e que acompanham sua ação em todos os momentos de sua vida. De certo modo, fazem parte da pessoa em sua constituição e se expressam em todas as suas ações, definindo, assim, a qualidade essencial presente na energética do seu jeito de fazer.

Ou seja: há uma dimensão de valor que qualifica o que o sujeito faz, qualquer que seja sua intenção ou ação em si. Esses valores se expressam como sua condição humana da psique, de maneira que age baseado nos princípios fundamentais que o mantém ligado ao ser 'si mesmo'. Tais valores dinamizam a energética que impulsiona sua ação. Além disso, expressam as competências e as habilidades que desenvolveu e que acompanham sua ação independentemente de onde ocorra a inserção dessa ação.

Na busca de ações que o levem à realização de sua proposta, o sujeito aciona seus esquemas familiares. Internamente, vive a regulação de um tipo de pensamento operatório que permanece intimamente ligado aos valores que energizam essa ação cognitiva.

Relações interpessoais

As relações interpessoais são aquelas que o sujeito estabelece com outro(s) sujeito(s). Estão ligadas aos sentimentos que coordenam suas duas dinâmicas básicas presentes de forma dialógica: o centrar e o descentrar. Ao interagir com o outro, a pessoa ouve a si mesma (internamente). E assim pode ressignificar seu modo de sentir, pensar e agir. Pode também

ajustar sua conduta em direção à construção de um procedimento que o levará à concretização de suas metas.

Piaget²⁸ descreve os três aspectos distintos mas indissociáveis de qualquer conduta em uma situação cooperativa: sua estrutura, sua energética e os sistemas de símbolos que servem de significantes a essas estruturas operatórias e a esses valores. Na pesquisa, observamos a presença do sistema de valores nessa relação dialética porque pressupõe um ir e vir interno e regulador da dinâmica que norteia a ação. Dialética por se construir dentro de um processo gradativamente majorante²⁶, também descrito neste trabalho como o processo de equilíbrio majorante, dentro do recorte de análise dos processos cognitivos que acontecem paralelamente aos afetivos nas situações vividas pelos sujeitos.

Quando observamos as relações interpessoais, podemos interpretar os modos como o sujeito regula sua ação no decorrer do processo. Notamos situações em que ele ajusta sua ação a partir de uma intervenção da pesquisadora. Em verdade, na construção da *Oficina Criativa*, ambos vivem um processo de assimilação e acomodação recíprocas²⁶. Portanto, analisamos aqui as competências relacionais¹⁶ que os sujeitos possuem e que utilizam no jogo de interações presente no processo.

Relações com o(s) objeto(s)

Em nossa pesquisa, essas relações dizem respeito ao modo como o sujeito manipula a massa de argila que tem em suas mãos, ou como representa graficamente sua experiência ao desenhar. Ou seja, à maneira como demonstra sua forma de vivenciar esse contato (com a argila e o desenho – objetos de nossa investigação)

Na interação com o objeto, o sujeito expressa o conhecimento que possui sobre o material. Por vezes, sua competência em manipulá-lo vem de longo exercício de habilidades durante aulas de artes ou brincadeiras entre amigos. Por outro lado, há pessoas que nem se lembram quando foi a

última vez que tiveram a oportunidade de modelar com argila ou de desenhar.

Nossa pesquisa infere que há um *saber fazer* presente em cada ser humano²⁶ no que diz respeito a tal material. Nesse sentido, os esquemas cognitivos que são acionados como rotinas, primitivas e procedimentos^{29,30,31} expressam sempre o caráter intrínseco a esses esquemas.

Relação com a tarefa

As relações com a tarefa estão ligadas tanto ao desempenho do sujeito no decorrer da realização de seu projeto quanto aos processos internos que o vinculam àquilo que ele se propõe a fazer, e que o mantém conectado – ou não – a sua meta, mesmo quando diante de empecilhos ou dificuldades.

Em se considerando a dimensão dos valores, é a energética que mantém o vínculo do sujeito com cada etapa do processo em direção a um fazer, ou não, 'o seu melhor'. Essa energética tem relação com a tolerância à frustração de não obter o resultado imediatamente e, portanto, precisar suportar o processo em todas as suas etapas. Está ligada também à responsabilidade de assumir uma tarefa e de procurar realizá-la, buscando possibilidades de êxito diante dos fatos que se apresentam.

A cada momento do processo, o sujeito significa sua ação, sustentando seu fazer de maneira a enfrentar desafios e construir caminhos para a realização daquilo que se propõe a fazer. Todo um *saber fazer* é evocado de modo a se construir procedimentos que permitam atingir a meta almejada.

A competência evocada para que a tarefa seja realizada possui um componente estrutural: as aquisições que o sujeito já possui e lhe dão suporte. No caso desta pesquisa, a 'exigência' é que trabalhe com a argila em contexto de projeto. E o componente funcional se manifesta na aplicação do conhecimento que o sujeito possui para realizar a tarefa no contexto que propomos dentro de uma *Oficina Criativa*.

RESULTADOS

Todos os protocolos foram analisados a partir das categorias observáveis descritas. Dentre os sujeitos que participaram de nossa pesquisa, analisamos em pormenor as condutas de três sujeitos: VIN (6;5), CAR (11;1) e RIC (38;9).

Escolhemos esses sujeitos por considerarmos que são representativos de um grupo correspondente à sua faixa de desenvolvimento: uma criança, uma adolescente e um adulto.

Observamos a regulação de suas ações no desenrolar das oficinas criativas. Procuramos compreender o equilíbrio majorante dos movimentos sucessivos que ocorrem dentro de um processo de ajustamento evolutivo e criativo das estruturas afetivo-cognitivas. Nossa intenção foi diferenciar qualitativamente o desempenho desses sujeitos durante o processo, conforme o seu nível de desenvolvimento.

É relevante relatar que o protocolo do RIC foi analisado paralelamente por duas psicopedagogas e educadoras, que estão desenvolvendo formação em arte-terapia. Para analisar os dados desse protocolo, ambas estudaram a fundamentação teórica que embasa nossa pesquisa. Sua análise mostrou-se bastante aproximada àquela realizada pela pesquisadora responsável por este projeto.

A análise microgenética possibilita o recorte das seqüências que constitui cada uma das oficinas. Observamos uma relação entre o tipo de experiência vivida pelo sujeito e a qualidade de sua ação, dentro do encadeamento que inferimos, durante nossa análise.

Observamos diferenças nos esquemas de ação presentes no desenrolar de cada oficina, expressas em nossos resultados como etapas da experiência *Oficina Criativa* de cada sujeito.

Trabalhamos com uma escala de medida qualitativa atribuindo uma pontuação a cada categoria analisada, nos atributos que a constituem, relativos a aspectos observados no sujeito durante o processo³².

O tratamento estatístico dos dados nos permitiu realizar a mensuração qualitativa da dimensão afetivo-cognitiva presente nas relações que o sujeito estabelece no decorrer da experiência.

Em nosso estudo procuramos compreender que valores e atitudes permeiam as quatro formas de relação que o sujeito constrói durante a *Oficina Criativa*: consigo mesmo, com a pesquisadora, com o objeto argila e com o projeto que ele cria e realiza.

Trabalhamos, portanto, com os significados que ele atribui a cada gesto que manipula e modela, trabalhando com a argila em direção ao seu projeto. Inferimos que há uma forma pessoal de criar e de construir esse projeto, que expressa o aspecto funcional de sua psique.

Por outro lado, observamos uma estrutura de ação afetivo-cognitiva que sustenta e permite o trânsito de diferentes aspectos internos que energizam a ação do sujeito que, efetivamente, cria e dá a forma àquilo que até então era apenas um bloco de argila.

Constatamos uma relação entre a freqüência e o tempo ocupados pelo sujeito em cada tipo de seqüência e de subseqüência, segundo as etapas da experiência *Oficina Criativa*.

Foi relevante demarcar, no preparo da planilha para a análise estatística, quando o sujeito estava de olhos abertos ou fechados, pois a experiência interna é qualitativamente diferente se ele permanece com os olhos abertos ou fechados.

Algumas considerações

Torna-se relevante demarcar alguns aspectos que nos chamaram a atenção no decorrer da análise dos dados. Em primeiro lugar, definimos os observáveis a partir de um estudo minucioso do protocolo de um sujeito, CAR (11;5). Procuramos levantar indícios que se apresentavam como constituintes do processo de regulação das ações dos sujeitos, no decorrer do processo de *Oficina Criativa*.

Definimos que, para realizar uma análise pormenorizada da situação-problema que se apresentava, era necessário qualificar as etapas da experiência vivida pelos sujeitos.

Procedemos, nesse momento, a construção do manual para a análise microgenética em sua perspectiva estrutural definindo os tipos de seqüências presentes na realização de um projeto

de trabalho. Demarcamos as seqüências que constituem as etapas do processo, tendo como base a metodologia da *Oficina Criativa*.

A experiência de explicitar cada movimento interno vivenciado pelos sujeitos no decorrer de seu processo tornou-se apaixonante. Em alguns momentos chegamos a sentir o próprio pensamento do sujeito emergindo dentro de nós!

Era chegada a hora de explicitarmos as categorias que nos permitiriam analisar o aspecto afetivo-cognitivo das ações. Novamente, penetramos em um universo imenso, tácido e implícito, que procuramos trazer à tona.

Emergiram assim as categorias de observáveis que constituem a segunda parte de nosso manual para análise microgenética.

Enfim, uma nova etapa vencida! De posse de todos os elementos a serem observados e analisados, trabalhamos no preparo da planilha que possibilitou a análise qualitativa estatística de nossos dados. Pereira³² norteou nossos passos no sentido das possibilidades que tal tratamento dos dados abria.

Pesquisamos em nossos protocolos elementos observáveis que confirmam nossas percepções. Concluimos essa etapa. Algo se confirma cientificamente, sem dúvida, fruto de um trabalho intenso! Nossa intuição de que alguns sujeitos nos possibilitariam a construção de um conhecimento ainda tácito revelou-se verdadeira. Socializamos, agora, informações quantificadas acerca de como se processa a equilibração majorante na regulação dos esquemas acionados pelo sujeito, ao realizar uma tarefa que lhe serve de desafio, na medida que ele vive sua dimensão afetivo-cognitiva integradas.

Observamos o desempenho de três sujeitos, com idades bastante diferentes, mas com uma tarefa básica em comum: realizar um projeto modelando com argila.

Constatamos que a regulação das ações ocorre, efetivamente, a partir de uma energética valorativa e que, se não está presente sob a forma de vínculo ou vontade, não há uma atuação consciente que 'ocupa o seu espaço'. Explicamos melhor, quando o sujeito trabalha integrando seu

afetivo com seu cognitivo, parece que o motor comum que desencadeia suas ações funciona maravilhosamente. Mas quando um deles está um pouco emperrado, parece que algo precisa se equilibrar 'por inteiro'. Realmente, confirmamos nossa hipótese acerca do caráter indissociável da relação afeto-cognição.

E, finalmente, apontamos para as diferenças constitutivas dos sujeitos, demarcando a qualidade maturacional do psiquismo que, em estando em processo de crescimento, está se autorregulando sempre em uma perspectiva majorante. Haja vista que nossos sujeitos, em sua totalidade, criaram e realizaram seus projetos no decorrer do processo vivido por meio da *Oficina Criativa*.

O elemento primordial que esteve presente, no sentido de alavancar as competências que possuíam, foi o criativo de cada um. Que ele possa continuar a permear as ações de todas as pessoas que procuram aprimorar seu gesto na busca de soluções para situações-problema, realizando, assim, seus projetos pessoais e profissionais em cada ambiente onde estejam inseridos!

DISCUSSÃO

A discussão de nossos resultados finaliza com algumas reflexões acerca do processo criativo. Quando o sujeito toca a argila, é convidado a estabelecer um contato de forma totalmente nova para ele. Sua sensibilidade passa a fazer parte integrante de sua ação, de forma que a argila também norteia cada movimento, comandado em sua base pela psique em suas dimensões cognitiva e afetiva.

Quando o sujeito se entrega a essa experiência primeira – que, em nossa *Oficina Criativa*, objeto de estudo da presente pesquisa, é o tempo de criação do projeto –, permitindo que a idéia que se transforma em projeto pessoal se erga das profundezas de sua psique, acreditamos que ele toca o nível de criatividade fundamental. Algo eclode sem o comando de um ego direcionador. Esse 'algo' está intimamente ligado ao seu *self*, ou seja, à natureza maior de sua alma e de sua psique.

É importante ressaltar nossa surpresa ao constatar essas duas dimensões na evolução do

experimento que escolhemos para nossa pesquisa. Tantas oportunidades tivemos de compartilhar o valor do potencial criativo que emerge durante as experiências de oficinas criativas, mas até então não tínhamos realizado tal compreensão. Esse *insight* nos é bastante significativo! A surpresa da constatação aquece nosso coração e nos convida a ir além... e além.

De certa forma, essa constatação nos permitiu uma tomada de consciência em relação ao que já estava sendo realizado: o que seria um 'toque de intuição' presente em nosso trabalho diário se confirmou. E mais uma vez a alegria da criação, verdadeiramente oriunda de nossa fonte interna, corporifica uma nova etapa no processo de significar nossa ação terapêutica e educacional.

Enfim, qual o sentido de tal depoimento? Nossa intenção é fortalecer a importância e o valor de cada etapa do processo criador eterno, se vivido a cada dia. Há anos estudamos, ensinamos e utilizamos as oficinas criativas em nosso trabalho. Ao longo desse tempo fomos construindo uma compreensão imanente do processo. Desenvolvemos uma intimidade consciente e profunda com essa metodologia, que nos permite enxergar sua tridimensionalidade, ou seja, além dela própria. Essa é uma constatação que nos alegra e, ao mesmo tempo, liberta. De certa forma a mente clareia e o coração se aquece. Cognição e afeto intercomunicam-se no desenvolvimento de nosso autoconhecimento, como pesquisadora e como pessoa.

A alquimia criativa é um ingrediente mágico que traz sabor aprimorado ao saber que emerge para ser elaborado e burilado. A tomada de consciência ocorre quando o salto quântico expressa o ato criador descontínuo de sua continuidade. Amorosidade e racionalidade se manifestam no '*aha*' incubado por tantos e tantos anos.

A alegria da constatação integra corpo e mente, afeto e cognição, em um sentir sensível e mental, criador de um sentido maior. É extraordinário como se pode observar a interdependência entre a energética afetiva que

nutre a ação cognitiva (portanto, mental), com simplicidade e pertinência! Assim, o projeto pessoal é concebido e nutrido, cria corpo e se desenvolve dentro daquelas que são suas melhores possibilidades.

Em momentos de idílio profundo do homem para com ele mesmo, essa ação criadora vem carregada de sentido e preenche sua necessidade básica de conceber e de dar vida àquilo que até então era amorfo. Ele sente que algo se produziu e vive, em cada célula de seu corpo, uma sensação de preenchimento imanente, quase transcendente. A vibração energética que se processa em seu interior pode ser desfrutada ao longo de um tempo que é atemporal, pois permanece qualificando suas ações, independentemente dos contextos em que são inseridas.

Nesse sentido, o ato criador é recebido como nutrição pelo seu ser sélfico, elemento imaterial do corpo que sente e imprime, em suas ações, tal qualidade amorosa.

Em nossa pesquisa, a natureza maior da alma e da psique participa ativamente da ação criadora vivida pelo sujeito. Chamamos à totalidade da psique de 'ser sélfico', pois consideramos que ele expressa a unidade e a totalidade da personalidade total, e, portanto, se compõe de conteúdos tanto conscientes como inconscientes. Enfim, como totalidade ele é a unidade que une os opostos. Sua ação emerge impregnada da qualidade criadora de significados.

Criar é, dentro do que observamos, reconhecermos e vivenciamos, uma experiência psíquica espiritualizada, que conecta nossos diferentes movimentos internos de modo a produzir um resultado nunca anteriormente realizado. O novo vivifica tal qualidade, que surge como num passe de mágica, porque indica o nascimento de uma forma inusitada para aquele que a experiencia.

Há uma qualidade amorosa vivida nessa construção criadora de novidades. O contato com a dimensão afetiva se expressa em um experimentar sensações e sentimentos que corroboram a pertinência do que está em processo de realização. Nesse contexto, um estado

diferenciado se produz no espaço interno das pessoas e sua consciência reconhece que algo se corporificou.

Não se trata aqui de uma ação direcionada pela consciência egóica. Ela o é pela consciência maior desse homem, sua consciência sélfica, presente nas profundezas da psique onde ela encontra esteio. Ainda assim, podemos reconhecer sua presença em situações eminentemente concretas e geradoras de necessidades. Por exemplo, diante de um fato real como precisar resolver problemas: o elemento criativo emerge na articulação entre meios e fins, em um ir e vir de coordenações adequadas a trabalhar a resolução desses problemas. A mente vibra na construção do que pode ser a(s) resposta(s), como em um diálogo intermitente que provoca uma erupção criadora.

Nesse processo há uma certa tensão que antecede a criação, como se, a partir de sua emergência, uma energética se dinamizasse, formando, assim, a força propulsora desse ato criador.

Reconhecemos, assim, a presença de uma ação sistêmica, desencadeadora de novos significados.

O pensamento sistêmico é simples e complexo ao mesmo tempo, pois trabalha o todo e a parte em suas inter-relações. Cada estrutura é considerada como manifestação de um processo paralelo, em uma teia de relações. O sistema interage nas 'partes' que o compõem e evolui de forma dinâmica e contínua. Um mecanismo de auto-regulação permeia o processo de equilíbrio na transformação decorrente desse dinamismo.

E assim, uma rede de interconexões permanece em constante e em contínua interação, construindo o conhecimento em eterna atualização. O que emerge na consciência traz, em si, a possibilidade de ser ressignificado, assim ocorre um reajuste permanente e significativo. Nesse contexto, o homem permanece dentro de uma atitude ativa diante do que se passa, reconhecendo seu potencial construtor de novas configurações. Atua, assim, de forma participativa na construção do seu futuro, ou melhor, do nosso futuro.

Finalmente, toda a ação vivificada em situações de projeto ocorre dentro da categoria

de sistemas abertos, passíveis de mudanças e transformações que promovem aprendizagens plenas de sentido. Na condição e sistema aberto, o sujeito recebe do ambiente novos elementos, que processa e devolve, ajustando e corrigindo suas ações de modo a atingir o objetivo, mantendo vivos os valores das ações que se delineiam durante sua realização.

Reconhecendo a natureza dinâmica do tempo, especialmente vivida nos tempos de hoje, como podemos refletir sobre ele? Estamos no início de um milênio, vivendo em um tempo em que a tecnologia nos permite ter acesso instantâneo ao que se passa em qualquer parte do planeta, o que favorece nossa capacidade de nos comunicarmos e de nos relacionarmos com pessoas que lá estão. O dia, de 'apenas 24 horas', evoca em nós a necessidade de dinamizar nosso fazer qualitativo em contraponto com a aceleração, quase natural, presente nas muitas conexões que estabelecemos a cada momento.

Diante dessa realidade, somos obrigados a constantemente relacionar: tempo e processo, tempo e ação, tempo e projeto. Trabalhamos a relação que estabelecemos conosco, a cada momento. Construimos a relação com o outro, descentrando-nos de nossos padrões e criando novas formas, novos procedimentos. Estabelecemos relações com inúmeros objetos distintos, que qualificamos conforme nossa escala de valores. Criamos projetos pessoais e de vida, que construímos passo a passo.

Algo se desenvolve a partir de uma situação que, em seus encadeamentos, se dirige a um fechamento, a um término, pois o tempo destinado à realização da tarefa acaba. Sucessivamente há uma situação real e concreta que produz novas ações, em elos e ciclos que se abrem e se fecham, promovendo um movimento circular dialético e interdependente.

Interdependente porque algo já está constituído, mas também algo novo e diferenciado pode ser evocado, ainda que conservando alguns elementos e transformando outros. Assim, cada parte mantém o que é seu, interagindo com o diferente, para então se ajustar na interação. Algo autêntico em sua qualidade essencial se abre para

o novo, transformando-se sem deixar de ser 'si mesmo'. Dessa forma podemos dialogar com o outro, abrindo-nos para a construção do inusitado e significativo.

Nesse sentido, a presença dos dinamismos cognitivos funcionam como reguladores da ação interna, na experiência criadora de pequenas ou grandes respostas. E também indissociados dos dinamismos afetivos que sentem, significam e acolhem cada etapa do processo.

O homem constrói sua maneira de *ser* e de *fazer* nesse mundo e nessa época. Dimensiona suas ações de modo que possa, mantendo sua visão e suas metas, definir o projeto que pretende realizar no passo a passo de sua concretização.

Os novos tempos estão e vivificam transformações imensas a cada momento e em todo lugar. Estar preparado para mudanças tem sido um dos motes do dia-a-dia das pessoas que também estão construindo o tempo atual. Sentimos a grande necessidade de articular, sempre de um modo diferente, o que projetamos para nosso dia. O mesmo ocorre com nossas tarefas, nosso trabalho, nossas propostas, nossos problemas e projetos.

A realidade que o avanço da ciência promove determina uma nova visão de homem: alguém com mente flexível, aberta e disponível para novas articulações, que procura resoluções nas próprias questões, observando e coordenando perspectivas, sempre considerando várias possibilidades. É o contínuo articulado ao descontínuo. É o foco no que está aparentemente em caos.

Por vezes, hoje o velho emerge como obsoleto, porque não acompanhou todo o dinamismo dialético que permeou a evolução. Assim o novo, autêntico e sutilmente forte apresenta contornos inusitados e vibrantes, respondendo a uma demanda que expressa vários níveis de necessidade. Enfim, cognitivo e afetivo expressam o 'conluio' psíquico criador de idéias e novas articulações!

O que fazer? Como responder? Onde buscar referenciais que nos permitam coordenar ações

de maneira a criar uma estratégia que responda ao que está sendo solicitado?

Ao avaliar e inferir, toda uma ação consciente e inconsciente manifesta a plasticidade mental daquele que ali se encontra. Como pensar nos procedimentos que permitirão a concretização das metas projetadas?

No contexto do projeto, a ação criadora é fundamental. Competências são acionadas diante das situações que se apresentam no decorrer do processo, tanto no que diz respeito à concepção quanto à elaboração e concretização do projeto. E assim, o elemento criativo permeia as manifestações da psique, as regulações das ações.

O homem abre a sua mente em direção à possibilidade, aberta em sua essência, de que algo surja. O homem mantém a continuidade do desejo de criar. Dessa maneira, disponibiliza sua energia psíquica para que se constitua uma nova forma, um novo contorno. A partir de então, idéias evocam imagens. A representação cataliza o desejo de criar. E assim, o projeto se constrói, permeado de intenção e sentido. Ele manifesta a ação inconsciente e criadora.

Ao interagir com diferentes elementos que se apresentam, o homem permanece conectado a dimensão criadora, fundamental de sua psique. Ele articula suas ações com vistas à realização de seu projeto. Cada passo pressupõe abertura ao novo e escolha consciente do que realizar naquele momento. É quando se definem estratégias e procedimentos expressam o caminho a seguir.

Na busca efetiva de etapas que concretizem o projeto, a ação criadora permeia o desenvolvimento do conhecimento. Algo novo emerge e toma forma. Assim o homem personaliza sua presença nesse tempo e nesse espaço e o mundo recebe e pode acolher sua participação nessa construção contínua e constante do desenvolvimento do conhecimento. Talvez possamos, assim, participar de sua construção apenas atuando como seres humanos criadores de sentidos e de uma presença amorosa nessa Terra.

A presente pesquisa recebeu financiamento da CAPES, durante o período de 1996 a 2000, para a realização do Projeto de Doutorado da autora, sob a orientação do Prof. Dr. Lino de Macedo. Parte da análise dos dados foi realizada em 1998, na Universidade de Genebra, nos Arquivos Jean Piaget, sob a co-orientação de Silvia Parrat-Dayan.

SUMMARY

The microgenesis in creative workshop

Purposes: To study the *Creative Workshop* in the context of creating and carrying out a project of modelling with clay. The main purpose was to relate Piaget's epistemological foundation to its practical application, making a microgenetic analysis of the subjects' behaviors - children, teenagers and adults. It checks the regulation process of the schemes of action, examining, by means of interviews and observation, the affective and cognitive dimension of the subjects' actions during these workshops.

Methods: Working on the Creative Workshop modeling with clay, the 14 subjects were chosen randomly (10 between 6 years and 5 months and 16 years old and 4 adults), 6 women and 8 men. Data that have been gathered were presented in the shape of a text in the research protocols and were prepared from videos and recordings of the creative workshops. It analyses in details the behaviors of three subjects: VIN (6;5), CAR (11;1) e RIC (38;9).

Results: Data analysis examines functional and structural aspects of the psychic dynamism as to understand the increasing equilibration process that takes place during the building up of the imagined personal project. It deals with four levels of relationships established by the very subject: I. Intrapersonal relationship: of the person with herself; II. Interpersonal relationships: of a subject with another/other subject(s); III. Relationship with the object(s): in our case, with the clay and the drawing and IV. Relationship with the task: in this case, with the project.

Conclusions: The result of this work confirms the regulation of the actions during the creative workshops: the increasing equilibration of the successive movements takes place within a creative and evolutive adjusting process of the affective and cognitive structures. Besides, according to their level of performance, the qualitative difference of performance among the subjects involved in the process has been proved.

KEY WORDS: Creative process. Piaget. Systemic view. Microgenetic analysis. Affective-cognitive aspects. Art therapy. Creative workshop.

REFERÊNCIAS

1. Alessandrini, C.D. (1996a). Oficina criativa e psicopedagogia. São Paulo: Casa do Psicólogo.
2. Alessandrini, C.D. (1996b) Oficina criativa e psicopedagogia na perspectiva dos coordenadores cognitivos. Revista da Associação Brasileira de Psicopedagogia 15 (39): 28-33, São Paulo.
3. Alessandrini, C.D. Creative workshop and psychopedagogy on the perspective of the cognitive coordinators. In: THE GROWING MIND - LA PENSÉE EN EVOLUTION CONGRESS, Genève, Suisse, 1996c. p.116.
4. Alessandrini, C.D. A criatividade na educação para a paz. Arte-Terapia: Reflexões, São Paulo, 2 (2): 31-42, 1997a.
5. Alessandrini, C.D. (org) et al. Tramas Criadoras na construção do 'ser si mesmo'. Casa do Psicólogo, São Paulo, 1999c.
6. Alessandrini, C. D. Oficina Criativa e Análise Microgenética de um Projeto de

- Modelagem em Argila. [tese] São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2000.
7. Migliori, R. Introdução. In: Allessandrini, C.D.; Brandão, C.R.; Lima, E.P. *Criatividade e novas metodologias. Série Temas Transversais, Volume 4.* São Paulo, Fundação Peirópolis, 1998; p.8
 8. Inhelder, B.; Cellérier, G. (1992). *O desenrolar das descobertas da criança: um estudo sobre as microgêneses cognitivas.* Porto Alegre, Artes Médicas, 1996.
 9. Piaget, J. (1946). *A formação do símbolo na criança.* Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
 10. Piaget, J. The relation of affectivity to intelligence in the mental development of the child. *Bulletin of the Menninger Clinic*, 1962; May, 26 (3): 129-137.
 11. Winnicott, D.W. (1986). *Tudo começa em casa.* São Paulo, Martins Fontes, 1989.
 12. Winnicott, D.W. (1988). *Natureza humana.* Rio de Janeiro, Imago, 1990.
 13. Winnicott, D.W. (1989). *Explorações psicanalíticas.* Org: Claire Winnicott, Ray Shepherd, Madeleine Davis. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.
 14. Macedo, L. de. *Ensaio construtivistas.* São Paulo, Casa do Psicólogo, 1994.
 15. Macedo, L. de. *Eixos teóricos que Estruturam o ENEM. Competências e Habilidades. Situação problema como avaliação e como aprendizagem. Propostas para pensar sobre situações-problema a partir do ENEM.* Brasília, MEC, INEP Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 1999.
 16. Boutinet, J. *Antropologia do projecto.* Coleção Epistemologia e Sociedade. Lisboa, Portugal, Instituto Piaget, 1990.
 17. Gouvêa, Á.de P. *Sol da terra: o uso do barro em psicoterapia.* São Paulo, Summus, 1989.
 18. Kagan, S.; Lusebrink, V.B. The expressive therapies continuum. *Art Psychotherapy*, 1978; 5 (4): 171-179.
 19. Kramer, E. *Art as therapy with children.* New York, Schocken Books, 1971.
 20. Oaklander, V. (1978). *Descobrendo crianças. A abordagem gestáltica com crianças e adolescentes.* São Paulo, Summus, 1988.
 21. Ostrower, F. (1977). *Criatividade e processos de criação.* Petrópolis, Vozes, 1989.
 22. Pain, S.; Jarreau, G. (1994). *Teoria e técnica da arte terapia.* Porto Alegre, Artes Médicas, 1996.
 23. Silver, R. A cognitive approach to art therapy. In: RUBIN, J.A. *Approaches to art therapy, theory and techniques.* New York, Brunner-Mazel, Inc. Pub, 1987.
 24. Silver, R. (1978). *Developing cognitive and creative skills through art - program for children with communication disorders or learning disabilities.* New York, Ablin Press, 1989.
 25. Parrat-Dayana, S. A psicologia perde Bärbel Inhelder. *Revista Pátio.* Porto Alegre, 1997; 1 (1): 8.
 26. Piaget, J. Les relations entre l'intelligence et l'affectivité dans le développement de l'enfant. In: *Bulletin de Psychologie*, 1953; p.346-701.
 27. Piaget, J. (1980a) *As formas elementares da dialética.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.
 28. Piaget, J. (1977). Os processos da equilibração. Posição dos problemas e hipóteses explicativas (p.13-60). In: *O Desenvolvimento do Pensamento. Equilibração das estruturas cognitivas.* Lisboa, Dom Quixote, 1977.
 29. Piaget, J. (1965). *Estudos Sociológicos.* Rio de Janeiro, Forense, 1973.
 30. Saada-Robert, M. (1992-1996a). A construção microgenética de um esquema elementar. In: Inhelder, B.; Cellérier, G. (1992). *O desenrolar das descobertas da criança: um estudo sobre as microgêneses cognitivas.* Porto Alegre, Artes Médicas, 1996. Cap.4, p.107-126.
 31. Saada-Robert, M. (1992-1996b). *Didier e as bonecas russas: estudo de caso e*

- conceituação. In: Inhelder, B.; Cellérier, G. (1992). O desenrolar das descobertas da criança: um estudo sobre as microgêneses cognitivas. Porto Alegre, Artes Médicas, 1996. Cap.5, p.127-168.
32. Saada-Robert, M. Microgenesis and situated cognitive representations. In Explorations in socio cultural studies. Pdel Rio, A. Alvarez; J.V.Wertsch General Editors, 1994; Vol.3. Fundación Infancia y Aprendizage, 55-64.
33. Pereira, J. C. R. Análise de dados quantitativos: estratégias metodológicas para as ciências da saúde, humanas e sociais. São Paulo, EDUSP, 1999. 2ª ed.